

*trait of the Artist as a Young Man*, surgido a um tempo em que o público já estava entediado de histórias de jovens sensíveis — os Edward Ponderevos, os Clayhangers, os Jacob Stahls, os Michael Fanes —, não apenas logrou chamar a atenção, como teve o condão de fazer com que parecessem psicologicamente superficiais e artisticamente falsos a maioria desses livros.

*Ulysses* foi publicado em Paris em 1922. Fora originariamente concebido como um conto para *Dubliners* e iria chamar-se "Mr. Bloom's Day in Dublin", ou algo parecido. Mas tal idéia se combinou, posteriormente, com a história ulterior de Stephen Dedalus, o herói do autobiográfico *A Portrait of the Artist as a Young Man*. *Ulysses*, porém, na sua forma definitiva — um volume de cerca de setecentas grandes páginas — assumiu características inteiramente diversas das dos livros anteriores de Joyce, e deve ser abordado de um ponto de vista diferente, visto não ser, como os outros, mera e ortodoxa obra de ficção naturalista.

A chave de *Ulysses* está no título, e é indispensável a quem queira apreciar a verdadeira profundidade e intenção do livro. Conforme aparece na *Odisséia*, *Ulisses* é algo assim como o tipo médio do grego inteligente: distingue-se, entre os heróis, mais pela astúcia que pela exaltada sabedoria, mais pelo bom senso, espartezza e fibra que pela, digamos, apaixonada bravura de um Aquiles ou firmeza e intrepidez de um Heitor. A *Odisséia* mostra tal homem em praticamente todas as situações e relações de uma vida humana comum: *Ulisses*, no curso de suas peregrinações, atravessa todas as tentações e provações e, mercê de seu engenho, sobrevive a todas para regressar finalmente à pátria e à família e ali se afirmar como senhor. Dessarte, a *Odisséia* fornece um modelo clássico ao escritor que pretenda escrever a moderna epopéia do homem comum — e modelo particularmente atrativo para o escritor moderno em razão da eficácia aparentemente calculada, do aparente refinamento, de sua forma. Usando de um recurso que faz lembrar alguns romances de Conrad, Homero enquadrou as peregrinações de *Ulisses* entre um grupo introdutório de livros, em que, pela busca que *Telêmaco* empreende do pai desaparecido, nosso interesse pelo herói é despertado antes de o conhecermos, e um grupo culminante, que apresentam dramaticamente, e em escala mais ampla, o regresso do peregrino à pátria.

Pois bem: o *Ulysses* de Joyce é uma *Odisséia* moderna, que acompanha de perto a *Odisséia* clássica tanto no tema quanto na forma; e o significado das personagens e incidentes de sua

1922 Ulysses

narrativa ostensivamente naturalista não pode ser compreendido sem referência ao original homérico. O *Telêmaco* de Joyce, dos livros de abertura, é Stephen Dedalus, isto é, o próprio Joyce. Os Dedaluses, conforme ficamos sabendo em *A Portrait of the Artist as a Young Man*, são uma família de esmolambados gráficos de Dublin. O pai de Stephen, Simon Dedalus, correu uma porção de empregos antes de acabar como João-ninguém, bêbado, jogador decaído, tenor amador, tipo muito conhecido nos bares. Mas Stephen recebeu boa educação num colégio de jesuítas, e vimo-lo, ao fim do romance anterior, pronto a partir para a França, onde ia estudar e escrever. No começo de *Ulysses*, faz já um ano que Stephen está de volta a Dublin: fora chamado de Paris por um telegrama avisando que a mãe estava à morte. E, um ano após a morte dela, a família Dedalus, já reduzida à pobreza, desmoralizou-se e desintegrou-se completamente. Enquanto as jovens irmãs e irmãos de Stephen mal têm que comer, Simon Dedalus faz a ronda dos bares. Stephen, que sempre ressentiu o pai, sente agora que, na realidade, não tem pai. Está mais isolado que nunca em Dublin. É *Telêmaco* em busca de um *Ulisses*. Seu amigo, o estudante de Medicina Buck Mulligan, com quem está vivendo numa velha torre na praia e que se acredita participe dos gostos artísticos e dos interesses intelectuais de Stephen, na verdade o humilha com assumir ares protetores e pôr-lhe em ridículo os talentos e ambições. É Antinous, o mais audacioso dos pretendentes de Penélope, que, na ausência de *Ulisses*, intenta tornar-se dono de sua casa e zomba de *Telêmaco*. Stephen anunciou, ao fim do livro anterior, que abandonava a pátria "para forjar na forja de minha alma a incriada consciência de minha raça". E volta agora para Dublin frustrado e deserdado; sua vida com Mulligan é dissoluta e improdutiva. Todavia, assim como *Telêmaco* encontra amigos e ajudantes, assim também Stephen é lembrado pela velha que traz leite para o desjejum na torre daquela Irlanda cuja incriada consciência é ainda destino dele forjar: "Velha e secreta... talvez um mensageiro". E Atenas, sob o aspecto de Mentor, que fornece a *Telêmaco* seu barco; e a lembrança de Kevin Egan, um exilado irlandês em Paris, é o Menelau que o apressa a pôr-se a caminho.

A cena agora se desloca, como na *Odisséia*, para o próprio *Ulisses* transviado. O *Ulisses* de Joyce é um judeu dublinense, um angariador de anúncios chamado Bloom. A exemplo de Stephen, vive entre estrangeiros: judeu e filho de pai húngaro, é quase um estranho em meio aos irlandeses; e, homem de capacidade pouco menos que mediocre, mas de verdadeira sensibilidade e inteligência, tem pouco em comum com os outros